

ANOTAÇÕES, SOBRE O PROBLEMA DA VERDADE NA HERMENÊUTICA, DE EMERICH CORETH.

Ana Hauser Brody

Emerich Coreth, em seu livro *Questões fundamentais da Hermenêutica*, examina, detidamente, o problema hermenêutico, estuda-o sob vários ângulos, traz a colocação hermenêutica de vários filósofos, destacando entre eles Martin Heidegger, e finaliza o livro com a colocação da posição hermenêutica da Teologia moderna e a questão da verdade de Deus.

Primeiro focalizaremos aqueles conceitos tratados no livro, fundamentais para a compreensão do último capítulo da obra, que versa sobre a **verdade da compreensão**.

Para que a nossa exposição seja mais clara, definiremos o termo "hermenêutica". "Hermenêutica, ... Interpretación de los textos filosóficos y religiosos, especialmente de la Biblia (hermenéutica sagrada). Esta palabra se aplica sobre todo a la Interpretación de lo que es simbólico." (1)

A Hermenêutica surge, ainda antes do aparecimento da discussão hermenêutica, com a interpretação da Escritura Sagrada. Foram várias as interpretações da Bíblia, no âmbito da Igreja Católica, as quais se diversificaram, ainda mais, na época da Reforma e Contra Reforma, continuando até nossos dias.

Se depreende, ao longo das páginas, a importância fundamental da História e da Linguagem para a questão hermenêutica, isso é, interpretação, compreensão.

O ser se coloca no **horizonte espaço-temporal** e daí se interpreta e interpreta o mundo. Além do **horizonte histórico** cada ser tem um **horizonte de compreensão**. O ser humano traz em si uma **pré-compreensão** das coisas. A **fusão dos horizontes** seria a fusão dos vários planos de compreensão.

Círculo da Compreensão ou círculo hermenêutico é a relação que vincula, historicamente, sujeito e objeto. Coreth diz que estes círculos têm uma estrutura aberta para novas compreensões, sempre mais perfeitas, e deste modo estes procederiam em forma de espiral.

A investigação hermenêutica se centra na relação **sujeito objeto**.

A interpretação passa de objetiva a subjetiva, mas na realidade, o ser se compreende somente na sua fusão com o mundo objetivo e o mundo objetivo se faz compreender através do ser, que viria a ser a fusão dos horizontes.

O ser humano, diz Hegel, resolvendo a longa discussão filosófica sobre a compreensão mediata e imediata, tem compreensão mediata e imediata. A compreensão seria a pré-compreensão e a mediata adquiriríamos por meio da tradição, história, cultura, isso é, da linguagem, que medeia a nossa compreensão.

Deste modo temos o imediato e o imediato do mediato, que constituem um círculo hermenêutico, relação sujeito-objeto.

Daí se depreende a importância da linguagem na hermenêutica, que seria o elo que relaciona o ser com o mundo objetivo.

O autor trata, ao longo dos capítulos, vários aspectos da Hermenêutica e traz diversas colocações. Mas somente no último capítulo analisa a questão da verdade, ou seja verdade e compreensão.
Verdade da compreensão

No que se refere ao problema da verdade tem-se uma oposição entre **verdade histórica e verdade absoluta** (verdade de Deus).

A verdade histórica se manifesta sob vários aspectos e é parcial. Assim sendo temos **verdade histórica, verdade lingüística, verdade da compreensão, verdade do sentido** e assim por diante. Mas a **Verdade absoluta**, única, é Deus, que em última análise constitui o sentido, a razão para a existência.

A análise crítica do conhecimento, a partir de Descartes, continuando por Locke, Leibnitz, Berkeley, Hume e Kant acentuou a distinção entre o apreender e o ser em si, distinção esta que encontra a sua culminação no criticismo de Kant.

Essa é a razão porque a palavra **verdade** se aplicou, cada vez mais, somente ao conhecimento. Mas, na realidade, o ideal do verdadeiro conhecimento não deixa de ser uma identificação do pensamento com seu objeto. Conseqüentemente o direito de estabelecer em princípio a identidade, o conceito da **verdade do ser** e o da **verdade de conhecer**, não tem sido nunca abandonado pelos filósofos. Principalmente a filosofia crítica coloca a **verdade de conhecer** em primeiro lugar, subordinando a esta a **verdade do ser**. Conforme a lógica transcendental de Kant, existe uma **ciência da verdade objetiva**, isso é, a das coisas a prioridade de toda existência. Conforme Heidegger, o fato de Kant não ter dado uma resposta satisfatória sobre o **Ser** e a **Verdade** se deve a uma insuficiente análise do ser.

Heidegger queria chegar, justamente, através da analítica existencial ao fenômeno da temporalidade, para depois abordar a questão do sentido do ser. O seu estudo d verdade se centra no horizonte histórico do ser, que seria um **ser aí** ontológico do ser (histórico).

A existência mesma seria o **ser aí**. Heidegger fez uma diferença entre **ente** e **ser**. Ao primeiro corresponderiam categorias estáticas, ao segundo, existências dinâmicas. O método fenomenológico de Heidegger se concretiza na hermenêutica do ser. A compreensão é o modo de **ser aí**, enquanto e-

xistência. O **ser aí** hermenêutico é dinâmico, sempre em busca de nova compreensão do seu próprio ser.

A pré-compreensão ontológica se realiza na compreensão do **ser aí**. A ontologia fenomenológica elabora a historicidade do **ser aí**. "Se em **Ser e Tempo** a fenomenologia hermenêutica visa a explicitação das estruturas existenciais do **ser aí**, analisando o homem enquanto abertura para o ser, posteriormente, esta fenomenologia hermenêutica, orientará sua atenção para o ser, enquanto emerge na clareira que instaura no homem". (2) Heidegger elucida que apesar da temporalidade do **ser aí**, esse somente pode ser explicado mediante a compreensão do **ser em geral**. O filósofo diz que a verdade do ser só pode ser esclarecida partindo da temporalidade da existência. A questão central da metodologia heideggeriana é o estudo do ser enquanto verdade.

O primeiro Heidegger estuda o **ser aí** como abertura no horizonte histórico temporal. Depois da sua "Kehre", o filósofo estudará o ser enquanto **ser do ente** e como este **ser se** interpreta no homem. No primeiro Heidegger, **verdade** coincide com a **historicidade do ser**. O último Heidegger instaura no homem mesmo a **verdade do ser**. Através desta abertura se manifesta o ente. O **aí** então se instala, no homem mesmo, como **clareira do ser**. A verdade do ser é a manifestação do homem através da linguagem, que o filósofo chama "casa do ser", enquanto **verdade do ser, clareira do ser**. O **ser**, como fenômeno, se vincula com o homem, hermeneuticamente, como portador de comunicação. Esta vinculação quer dizer que o homem é "usado" para que o **ser** possa se manifestar. O homem seria o mensageiro (vide origem da palavra Hermenêutica) do **ser**. Do ponto de vista hermenêutico o sentido, a verdade do ser, acontece por meio do **velamento e desvelamento** do ser no horizonte do mundo.

Gadamer sofre a influência de Heidegger, mas, na sua hermenêutica a **verdade do ser** vem substituída pela **verdade histórica, acontecer histórico**. O **ser** atua na história acima de sua vontade, a história acontece como verdade no encontro de sujeito e objeto, entre o presente e o passado, na fusão dos horizontes.

Nesse sentido, a verdade está ligada a nosso horizonte de compreensão que, por sua vez, é sempre parcial. Aqui aparece de novo a importância da linguagem enquanto mediação para a compreensão.

O homem não alcança jamais a verdade, diz Hegel. A verdade seria o todo e o homem chega a conhecer dela só aspectos parciais. Na hermenêutica de Heidegger e Gadamer não se coloca a questão da oposição verdadeiro/falso.

Logo depois, coloca-se a questão de como compreender a **essência da verdade**, já que historicamente estamos condicionados à apreensão de verdades parciais. Ao tratar de verdades parciais, cabe estudar alguns pontos onde estas verdades parciais se manifestam.

Coloca-se, primeiramente, a questão: se a verdade do enunciado corresponde ou não à verdade do objeto. Heidegger opõe o **orthoîês** a **alétheia** que operariam em dois planos diferentes: o lógico (estático) e o histórico óntico (dinâmico), determinando uma fusão hermenêutica do ser como o ente, que seria a manifestação histórica da verdade.

A seguir coloca-se a problemática da **verdade da coisa e verdade do sentido**. Verdade da coisa seria uma primeira verdade imediata e a segunda uma "meta-verdade" mediada por meio da linguagem.

Como já havíamos dito, o horizonte do mundo seria um **horizonte global histórico temporal**, em que o homem se manifesta no seu **horizonte de ser**. Daí se depreende que cada ser tem, por sua vez, um **horizonte histórico aberto** a novas compreensões. A pesar de cada ser possuir um horizonte histórico dado, a humanidade global (em sentido espaço-temporal) vive num mesmo mundo de experiências comuns e por isso torna-se necessária uma **compreensão histórica do mundo** entre os indivíduos: uma espécie de **comunidade de compreensão do mundo**. Já que o nosso mundo é dinâmico, colocam-se sempre novas questões para a compreensão do ser, sobre a finalidade do ser. O estudo da verdade do ser incondicional é uma tarefa em que a hermenêutica culmina na metafísica. O horizonte metafísico seria o horizonte incondicional do ser de todos os tempos e de todos os lugares. A única possibilidade de uma compreensão da verdade social e humana se realiza nesse **horizonte metafísico do ser incondicional**. Essa compreensão acontece num plano que não está nem sobre o mundo, nem fora do mundo, mas no plano que determina o mundo. Por meio desse horizonte incondicional torna-se possível penetrar em mundos longínquos e compreendê-los.

Esse temática de reflexão **transcendental** tem que partir do mundo concreto por meio da língua. A reflexão transcendental aponta além de si, realizando-se na **condicionalidade do mundo** e na **incondicionalidade do ser**, na bipolaridade da experiência do mundo e do mundo de experiência. A linguagem, por sua vez, dado o seu carácter múltiplo, remete à metafísica. A linguagem atua, historicamente, sobre o homem e o homem faz a sua história por meio da linguagem. Esta é verdade histórica que não está, porém fechada, como a verdade dos enunciados das ciências particulares, já que o ser, a verdade do ser é inexaurível.

Esse fato nos mostra novamente a mediatez do imediato e a imediatez do mediato no seu movimento circular em direção dupla. A abertura do ser para o mundo é imediata e aosexplicitar, tornando-se necessário o uso da linguagem, será medida.

EGO SUM VIA VERITAS ET VITAE. (3)

Apesar da importância das questões tratadas, o fundo da problemática hermenêutica é Deus. Coreth lamenta-se amargamente do mundo de hoje onde não mais se tem lugar para Deus. Deus tornou-se supérfluo no mundo tecnológico. O homem sonha com a compreensão da verdade total do mundo e se esquece de Deus. Nietzsche, Marx, Feuerbach, contestam a existência de Deus. Nietzsche proclama a morte de Deus.

Nos séculos precedentes, apesar das contravérsias sobre a existência de Deus, havia um fundo de compreensão comum acerca do conceito de Deus. Deus era pensado "cristãmente" (no mundo ocidental). Graças a esse fato se compreendia o que designava a palavra Deus.

Essa compreensão comum, porém, foi se desvanecendo aos poucos. A partir dos positivismos e materialismos dos últimos dois séculos Deus tornou-se um objeto entre os objetos. Protestou-se contra Deus em nome da liberdade. Deus tornou-se um obstáculo para o homem moderno. O Deus mítico, o Deus de Além foi banido do mundo. A compreensão de Deus deformada, destruiu a compreensão comum do Deus "cristão" (do mundo ocidental). A nosso ver, o "ser no mundo", hoje, tornou-se mentalmente e intelectualmente menos dependente de dogmas. Destarte, tornou-se muito mais tortuosa a via de compreensão de Deus. Mas o homem moderno, justamente pela profunda transformação e tecnologização do mundo, sente-se muito abandonado e muito só neste mundo, que ele mesmo construiu. Sen-

te a necessidade de encontrar uma verdade "mais verdadeira" que a do seu mundo. A compreensão individual de Deus o traz mais para perto e o torna menos inacessível ao homem.

"Deus significa o último **incondicionado fundamento** do sentido que transcende radicalmente tudo o mais, ao mesmo tempo em que abrange como seu fundamento. Isso quer dizer que não tem 'também' sentido excogitar Deus e nomeá-lo verbalmente, mas sim tudo quanto compreendemos e realizamos, com sentido, só tem e pode ter verdadeiro sentido a partir de Deus" (4)

A fé em Deus abre um horizonte de compreensão onde as coisas aparecem em nova luz, com novo sentido, anestonovo mundo de compreensão o ser encontra o último sentido do mundo. Destarte Deus é transcendente e imanente no mesmo relance, já que é imanente em todas as coisas e transcende a todas elas.

Interpretação da escritura sagrada.

Interpretação da Escritura Sagrada.

Coreth, depois de uma análise minuciosa do problema hermenêutico, conclui o seu livro, voltando ao problema teológico da interpretação da Escritura Sagrada, descrevendo um círculo hermenêutico na sua exposição da problemática. Nesta última parte, trata o problema teológico da interpretação de Escritura Sagrada em nossa época.

Toda e qualquer interpretação tem que se inserir na história, na atualidade do mundo, para poder manifestar a **verdade Bíblica** através da interpretação. Destarte o incondicional tem que se relacionar com o condicional e o absoluto com o relativo. Na religião cristã esta duplicidade se dá na Encarnação Divina. É nessa situação atropológica e histórica que Deus conduz a humanidade à Salvação. Na Encarnação, o carácter absoluto de Deus é traduzido para a relatividade da vida humana. A palavra divina torna-se histórica por meio de Escritura Sagrada. A tarefa hermenêutica de interpretação da Bíblia tem que se situar sempre no horizonte histórico da compreensão. Paradoxalmente, porém, na compreensão dos enunciados lingüísticos da Bíblia a tradição da fé tem que ser levada em conta, já que se se separasse o "Cristo da fé" do "Jesus Histórico" seria completamente deformado o sentido do enunciado bíblico. Os homens do nosso mundo só têm condições de compreender a mensagem divina da salvação no próprio horizonte histórico.

Terminaremos com as palavras de Bossuet, que resumem o sentido dessas páginas. "Dios es, pues, la verdad, por si misma, siempre presente em todos los espíritus y la verdadera fuente de la inteligencia" (5)

Notas.

- (1) André Lalande, Vocabulario técnico y crítico de la Filosofía, Buenos Aires, Ateneo, 1966, p. 432. —
- (2) Ernildo Stein, A questão do método na filosofia, Porto Alegre, Duas Cidades, 1973, p. 90. —
- (3) Evang. São João I, XV, 8. —
- (4) Emerich Coreth, Questões fundamentais de hermenêutica, São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1973, p. 185
- (5) André Lalande, Idem, p. 1109. —

Bibliografia

- Emerich Coreth, **Questões fundamentais de hermenêutica**, São Paulo, Univ. São Paulo, 1973. —
- Ernildo Stein, **A questão do método na filosofia**, Porto Alegre, Duas Cidades, 1973. —
- André Lalande, **Vocabulario técnico y crítico de la Filosofía**, Buenos Aires, El Ateneo, 1966. —